

Curso Online de Filosofia

Olavo de Carvalho

Aula 267¹
18 de outubro de 2014

[versão provisória]

Para uso exclusivo dos alunos do Curso Online de Filosofia.
O texto desta transcrição não foi revisto ou corrigido pelo autor.
Por favor, não cite nem divulgue este material.

Boa noite, sejam bem-vindos.

Hoje eu queria continuar aqui com o assunto do Kant — até esta semana eu publiquei um artiguinho no *Diário do Comércio*, que eu vou ler e comentar aqui com vocês.

Neste artigo, a gente coloca muitas sugestões compactadas, que o leitor do jornal só vai perceber em parte, mas onde os alunos meus, naturalmente, notarão muitas alusões a coisas que foram ditas na aula, ou que podem vir a ser ditas na aula.

O material sobre este assunto é muito rico. Eu queria explicar então que a minha idéia era refazer brevemente uma exposição da filosofia do Kant, tomando como ponto de partida algo que foi muitas vezes esquecido, negligenciado até pelos melhores expositores de Kant: tudo o que ele fez obedecia a um plano. Quer dizer, ele tem um objetivo — e este objetivo não é puramente acadêmico nem puramente científico, exatamente o que estou falando neste artigo.

E a minha atenção foi chamada para isto quando, muitos anos atrás, eu li um livro de um autor marxista, Lucien Goldmann, em que ele dizia o seguinte:

“A maior parte dos especialistas até hoje não viram em Kant senão um puro teórico do conhecimento, no máximo, um filósofo sistemático dos valores, que bem exprimiu, em ocasiões, em alguns breves trabalhos, sua opinião sobre a Revolução Francesa, a Paz Eterna, a Sociedade Cosmopolita etc., mas para o qual estas questões representavam problemas subordinados, à margem da sua atividade filosófica.”

Lucien Goldmann empreende neste livro — que considero brilhante, apesar das limitações intrínsecas da análise marxista — a idéia de que toda a filosofia do Kant gira em torno da idéia de comunidade humana. Eu acho que a tese é inteiramente correta, embora não tenha sido explorada em todas as suas implicações.

Eu vou ler aqui o artiguinho que publiquei esta semana e acrescentar umas coisinhas e, depois, eu gostaria que vocês lessem comigo estes trechos que eu tirei de um dos escritos do Kant que são significativos para o assunto, que é: *Idéia de uma História Universal com um Propósito Cosmopolita*.

¹ Nesta aula foram lidos e comentados o artigo “Para compreender Kant”, disponível em <https://olavodecarvalho.org/para-compreender-kant/>; e excertos do ensaio *A idéia de uma história universal com um propósito cosmopolita*, de Immanuel Kant (tradução: Artur Morão, disponível em http://www.lusosofia.net/textos/kant_ideia_de_uma_historia_universal.pdf

O artigo chama-se “Para compreender Kant”:

“Kant escreveu em 1762: ‘eu me veria a mim mesmo como mais inútil do que um simples trabalhador manual, se não acreditasse que esta ocupação, [a filosofia] pode acrescentar valor a todas as outras e ajudá-las a estabelecer os direitos da humanidade.’”

Note que a expressão “direitos da humanidade” era até o século XVIII totalmente desconhecida e que entra em circulação exatamente com os filósofos iluministas — dos quais o Kant será, no fim das contas, o principal.

“Homem de maturação lenta, aos 38 anos ele descobria o que viria a ser a meta constante do resto da sua vida: “estabelecer os direitos da humanidade”; demolir a autoridade da tradição e do hábito; criar a sociedade racional governada por um Estado racional, educadora de seres humanos racionais, prontos a agir sob o ditame de regras universais, em vez de seguir seus instintos como os animais ou seguir os padres, como um camponês medieval.

Tudo o que ele fez desde o momento daquela declaração de princípios foi para servir a este objetivo, ao qual mesmo os feitos filosóficos mais notáveis que ele realizou ao longo do caminho se subordinam como meios para um fim.

Ele acreditava que esse fim não só era desejável, mas estava inscrito na própria evolução histórica da humanidade como meta final a que tudo tendia de maneira tortuosa e problemática, mas constante e irreversível.”

É este o assunto deste escrito que nós vamos ler daqui a pouco.

“Quando ele reconhece que os seres humanos podem falhar em atingir esta meta [ou seja, que ele não via nela como algo fatal], ele deixa claro que nenhuma outra existe. Entre a sociedade racional kantiana e a barbárie, *tertium non datur* [não há uma terceira alternativa].

A obra filosófica de Kant, no seu conjunto e nas suas partes, se dirige invariavelmente à consecução de metas que afetarão toda a sociedade, toda a cultura, toda a política, a moral, a religião, o direito, a educação, as relações familiares, a vida humana, enfim, na sua totalidade.

Kant não foi, de maneira alguma, um pensador isolado, extramundano, desinteressado, envolvido em abstrações que só atraem um número insignificante de estudiosos especializados. Tanto quanto Platão, Lutero ou Karl Marx, foi um reformador da humanidade, um reformador do mundo. Foi isto o que ele quis ser, e foi isso o que ele se tornou. Nada do que ele escreveu ou ensinou pode ser compreendido fora deste projeto grandioso ou, se quiserem, megalômano.

O que pode encobrir essa realidade a ponto de torná-la inapreensível são três fatores:

(1) Na maior parte de suas obras, Kant faz uso de um vocabulário especial tão inusitado, e de uma linguagem tão abstrusa, que parece empenhado antes em limitar o círculo dos seus leitores a dimensões de uma seita esotérica do que em influenciar o público maior.

(2) Algumas partes especiais da sua filosofia são tão complexas, tão dificultosas, e tão brilhantemente realizadas, que tendem a aparecer como monumentos isolados, remetendo a um discreto segundo plano os objetivos mais amplos a cujo serviço foram construídas.

(3) Por isso mesmo, muitos dos estudiosos do kantismo, e entre eles alguns dos mais competentes, tenderam a descrever a estrutura do pensamento de Kant tomando estes monumentos como centros articuladores do conjunto, reduzindo tudo o mais à condição de opiniões periféricas ou mesmo a episódios de valor puramente histórico-biográfico.”

Isto aqui é uma coisa notável e verificável em inúmeros livros sobre o Kant; notei em um bocado deles a seguinte questão: o pessoal fica tão impressionado com a *Crítica da Razão Pura*, que toma este livro como centro de tudo. A *Crítica da Razão* é o centro e o topo, e em volta há as outras duas críticas: a da *Razão Prática*, a *Crítica do Juízo*; e, ainda, em círculos concêntricos, que vão se afastando cada vez mais do centro, até chegar lá nas opiniões políticas.

Com relação a esses tópicos da teoria do conhecimento verifiquei que o Kant mudou de opinião muitas vezes, porém, com relação aos seus objetivos políticos fundamentais, ele nunca mudou. O que ele afirmava no começo é o que ele vai afirmar no fim. Nas suas últimas obras ele vai voltar ao mesmo ponto.

Então você tem um elemento constante e outros elementos mutáveis. E como você vai tomar os mutáveis como se fossem o centro da coisa?

Você pode ver que muitas das teses que ele apresenta na *Crítica da Razão Pura*, ele, no fim da vida, no chamado *Opus Postumum*, a *Obra Póstuma*, que só foi publicado mais recentemente, ele relativiza e atenua muitas das teses da *Crítica da Razão Pura*. Mas, com relação aos seus ideais políticos, ele não muda uma vírgula. O que ele decidiu ali aos 38 anos de idade, é o que ele vai continuar para sempre.

“Contra estes três fatores, resta o fato incontestável de que o próprio Kant proclamou repetidas vezes, até a extrema velhice, os mesmos objetivos gerais constantes e finais que o inspiraram. Nenhuma interpretação engenhosa de uma filosofia deve obscurecer o modo como o próprio filósofo a compreendia.

É verdade que esses objetivos aparecem somente em escritos menores, e não nas obras-primas como a *Crítica da Razão Pura*, a *Crítica da Razão Prática* e a *Crítica do Juízo*, mas o fato que Kant continuasse a reiterá-los longo tempo depois da publicação dessas obras, mostra que ele jamais perdeu de vista as metas que desejava alcançar, nem muito menos se deslumbrou com os seus sucessos parciais ao ponto de permitir que eles, por si, tomassem o lugar da missão maior.”

Este é um ponto absolutamente fundamental!

Existe um elemento constante que são os objetivos maiores que ele pretende alcançar, por exemplo, na reforma da humanidade. E existe uma série de pontos de detalhe que ele aprofunda. E às vezes aprofunda de uma maneira tão dedicada e tão engenhosa, como, por exemplo, o caso da *Crítica da Razão Pura*, que ele levou dez anos tudo, para analisar aquele ponto. Ele ficou 10 anos sem publicar nada e daí publicou a *Crítica da Razão Pura*. Isto deu um trabalho miserável.

Por outro lado, isto não quer dizer que a *Crítica da Razão Pura* seja o objetivo, e o tudo o mais seja um enfeite. [0:10] Ao contrário, acho que posso demonstrar que todos os problemas tratados na *Crítica da Razão Pura* são dificuldades que ele viu no curso de realização do seu projeto de humanidade. É como se ele pensasse que, se é para fazer isto, precisamos resolver este, mais este e mais este problema. Ele era um homem muito dedicado, não fugia por mais complicado que fosse o problema, não fugia das dificuldades: dedicou 10 anos a estes problemas de teoria do conhecimento.

“Bem ao contrário, se ele concedeu longa e concentrada atenção a determinados problemas específicos, não foi porque tivesse desviado dessa ambição. Mas porque entendeu que esta não poderia ser realizada no mundo histórico-social sem que esses problemas fossem resolvidos antes.

Quando, no empenho de submeter o destino humano ao império da razão, ele se dedica ao exame crítico desta última e de suas limitações, em vez de exaltar acriticamente as virtudes da potência racional, ele mostra apenas que é um guerreiro sério, que não entra em combate sem ter avaliado meticulosamente as possibilidades e limites do equipamento bélico que carrega.”

Ou seja, o objetivo dele — como ele proclamou num escrito que se chama *Resposta à pergunta: o que é o Iluminismo?* — é a humanidade racional, quer dizer, o ser humano se desligar da superstição, das tradições, das crenças etc., e desenvolver a sua razão. Depois vamos examinar isto com mais cuidado.

“Porém, como poderia ele propor o império da razão, sem estudar primeiro os limites do conhecimento racional?”

É evidente que qualquer comandante militar, ao iniciar uma batalha, tem de conhecer o repertório do que dá e do que não dá para fazer, limitando o seu objetivo justamente para que ele se torne realizável. E este foi o empenho de Kant na *Crítica da Razão Pura*: limitar as ambições do conhecimento racional a um domínio onde elas pudessem se realizar, em vez de ficar como meros sonhos. Mostrou apenas que era um homem realista, e não ia “matar a cobra sem mostrar o pau”, não ia propor uma coisa que lhe parecesse irrealizável.

No entanto, nós veremos mais tarde (não nesta aula, numa outra) que, ao propor o objetivo da humanidade racional, ele se preocupou muito em examinar as possibilidades e limites da própria razão, em si mesma, mas ele jamais sondou as conseqüências previsíveis da realização do seu ideal. Ele parece absolutamente cego para as conseqüências que o ideal tal como ele desenhou desencadearia, fatalmente, caso fosse realizado. Como de fato veio a acontecer. É neste sentido que vivemos em um mundo kantiano: o ideal kantiano foi e está sendo realizado quase que integralmente. A influência de Kant foi muito além do domínio filosófico propriamente dito, teve influência profunda na política, na moral, e, sobretudo, no direito. Hoje nós praticamente vivemos num mundo kantiano, cujas manifestações, as mais distantes, as mais remotas, mostram, quando bem examinadas, a sua raiz kantiana incontrovertida. Este é o nosso assunto aqui. Espero que dê tempo de fazer e escrever tudo, além de explicar na aula mas, mesmo se não der tempo de escrever, pelo menos está dito aqui e a mensagem não vai ser esquecida.

“E, quando ele restringe o alcance da razão, em vez de estendê-la até o infinito, não faz senão concentrar as forças de seu exército em vez de dispersá-las. É precisamente o que o seu contemporâneo Napoleão Bonaparte aprenderá a fazer no campo de batalha.”

Era característico da estratégia e tática de Napoleão concentrar todas as forças num ponto único, em vez de as dispersar.

“De todos os reformadores do mundo, Kant foi talvez o mais sutil e engenhoso. Evitando dirigir-se à massa popular, restringindo seu público aos intelectuais *high brow*, salvou-se de ataques grosseiros que nunca faltaram a Lutero e Marx e se impôs ao mundo como uma aura de respeitabilidade inatacável, como uma divindade misteriosa e distante.”

Comparem: Karl Marx teve todo um trabalho de se considerar científico, mas ao mesmo tempo não se pode esquecer que ele era o fundador, o líder da Primeira Internacional

Comunista, quer dizer, ele era um ativista, no fim das contas. Ele organizou todo o movimento e, nesse sentido, ele tinha que ter contato com a massa popular direito: ela não era uma população de acadêmicos. Kant fez o contrário. Só falou com acadêmicos, só com intelectuais de alto nível e, embora tenha alguns escritos que pelo seu conteúdo são mais populares, ele não se dirigia ao público maior.

Há um detalhe importante, que mostra até que ponto este homem era esperto: ele lecionou na faculdade de Königsberg, por muitos anos, e nunca lecionou sua própria filosofia. Nem para os seus alunos ele dizia isto. Ele só publicava nos livros e conversava com círculos de intelectuais. Para os alunos, ele lecionava astronomia, matemática, física, qualquer outra coisa. E evitava usar a faculdade como um instrumento de divulgação de suas idéias.

Parece que ele não queria uma divulgação muito grande, ele queria uma influência em profundidade exercida sobre a elite intelectual e só. Isto acabou se revelando muito mais eficiente do que qualquer movimento popular e, sobretudo, o poupou de ataques mais popularescos.

O que também aconteceu no nosso século: isto acontece com René Guénon. Ele só fala com a elite, então fica a salvo dos leitores imbecis, evidentemente. Coisa que Karl Marx nunca ficou. Recebeu ataques despropositados desde o início, alguns ataques muito sérios como da parte de homens de ciência como do Eugen von Böhm-Bawerk, e outros, mas, também, ao mesmo tempo houve muita polêmica rasteira em torno dele. Isto, em torno de Kant, nunca aconteceu — como não aconteceu também com o René Guénon. Foi só no Brasil que isto aconteceu.

No Brasil aparecem uns fulaninhos falando em René Guénon, de quem não entendem absolutamente nada. Aparece aí, um Caio Rossi. Então, de repente, no Brasil, quando eu comecei a falar do assunto — e eu lamentavelmente preciso escrever para jornal porque vivo disso, afinal de contas —, evidentemente despertei milhões de mosquitos e baratas, que começam a atrapalhar, a embolar o meio de campo. O Kant se livrou disto perfeitamente. Eximindo-se de expor a sua filosofia até mesmo na faculdade. Limitando [a exposição] ao que lhe pareceu um público de mais alto nível. É por isso mesmo que esta influência kantiana virá sempre por cima e, quando ela chega na esfera popular, quando chega a afetar as vidas das pessoas, a origem remota já desapareceu. Ninguém sabe que foi o Kant que começou aquilo.

Então ele fez aquele negócio do Ronald Reagan: “Você pode conseguir tudo o que você quiser, desde que você não faça questão de levar o mérito”. Se você se virar para as pessoas [e disser que] é Kant quem está por trás do movimento gay, elas vão desconfiar disso e achar que você está louco, que isto é teoria da conspiração. E não é só o movimento gay, mas muita coisa que está entrando em discussão na grande legislação, hoje em dia, se iniciou com o Kant. Às vezes, não diretamente. Não é que ele tenha proposto isto, mas ele criou um método, um tipo de enfoque, que vai gerando essas coisas ao longo do tempo, sem que as pessoas atinem com a origem. No mínimo, você pode dizer que certas idéias que circulam hoje não teriam sido possíveis sem o Kant. Por exemplo, toda essa “teoria de gênero”, isto é puro Kant.

“Mas, sobretudo, tratando os seus ideais não como verdades dogmáticas e sim como fontes de problemas...”

Ele jamais se esquivou de enfrentar as dificuldades que os seus ideais poderiam suscitar. Só que acho que ele se limitou às dificuldades intrínsecas (dificuldades lógicas) e nunca examinou a questão histórica das conseqüências, segundo procurei. Pode até ser que tenha

examinado, não li o Kant inteiro (li um bocado de Kant, mas não inteiro). Pode ser que, em algum lugar, ele tenha discutido isto. Se alguém achar, por favor, me avise. Eu nunca vi.

“... e sim como fonte de problemas, contradições e dificuldades sem fim, permitiu que sua influência se alastrasse para muito além do grupo de aderente explícitos e se espalhasse anonimamente por toda a parte, até adquirir aquilo que Antônio Gramsci sonhava obter para o partido comunista: o poder onipresente e invisível do imperativo categórico.”

Até hoje me pergunto por que o Antônio Gramsci, quando escreveu isto, usou esta expressão tão caracteristicamente kantiana que é o imperativo categórico? Será [0:20] que ele percebeu que o Kant estava exercendo aquele tipo de influência que ele desejaria que o partido comunista exercesse? Parece que sim, alguma coisa disso ele deve ter percebido. Isso deve ser rastreado. Faz muito tempo que li Antônio Gramsci. Já parei de ler há muito tempo, não me lembro. Precisaria rastrear ali e ver as referências dele a Kant. Ver se ele percebeu alguma coisa deste tipo. É possível que sim. Veremos isto mais tarde.

Agora, eu queria ler aqui com vocês alguns excertos de uns escritos de Kant, onde ele expõe alguns aspectos do seu ideal ou seu plano de conjunto.

No artigo anterior, chamado “Missão Filosófica”, eu disse que não existe filosofia modesta. Nenhum filósofo filosofa só para resolver algum problema técnico de filosofia, algum problema da área profissional. Todo filósofo, pelo menos todos grandes filósofos, têm planos de enorme envergadura. A ação dos filósofos, assim como a dos santos, dos profetas etc., opera num nível que às vezes escapa ao horizonte de consciência da população.

É o que dizia o Augusto Comte: “a vida dos vivos é determinada por filósofos mortos”. É verdade. Às vezes o filósofo está tão distante no tempo que você não sabe de onde apareceu aquilo. E, com muita frequência, somente uma elite de estudiosos, muito interessada na coisa, é que vai rastrear isto. Existe a expressão do James Billington: “as linhas de significados que atravessam às vezes séculos”, o sujeito cria assim determinados conceitos em que certas palavras ali são imantadas de determinados significados e aquilo se repete, várias vezes, e se amplia ao longo dos séculos. Esse é um estudo extremamente difícil de fazer. Em geral, no Brasil, a pessoa não é capaz de distinguir isto do analogismo. Quer dizer, ele vê um sujeito dizer uma coisa no século XX e outra dizendo outra coisa parecida no século XIII e já acha que é a mesma coisa, e começa a adivinhar, às vezes, até intenções ocultas e verdadeiras conspirações por trás da coisa. Isto aí é inabilidade.

Para você estudar uma linha de significados ao longo dos séculos, você precisa saber quem leu o que; você precisa saber qual informação chegou até a orelha de quem. Não é só porque o sujeito pensou uma coisa parecida. Tem gente que pode ter idéia parecida sem nunca ter ouvido falar um do outro. E sem ter tido sequer o acesso ao meio social comum no qual aquelas idéias circularam. Por exemplo, alguém soltou uma idéia num determinado meio, e você não ouviu falar do sujeito, você não sabe quem é ele, mas você teve o contato com aquele meio social, então através dali você a absorveu indiretamente. Ou a informação chegou diretamente ao indivíduo; ou chegou indiretamente através de determinado meio social. Se não houve isto, então você está no campo da mera coincidência.

Para exemplificar de como isso é horroroso no Brasil, publiquei alguns artigos e dei umas aulas sobre essas diferenças, mostrando a unidade de certos processos político-culturais. Imediatamente inspirei um montão de idiotas a fazer a mesma coisa. Como se diz: dei mau exemplo. A partir daí, qualquer um acha que pode fazer isto. E começam a descobrir conexões e elos e semelhanças etc. Isso vira, realmente, teoria da conspiração. Não adianta você tentar

descobrir, adivinhar elos, ou intenções ocultas por trás das coisas. Se você já pensa assim (que há uma intenção oculta), não existe uma cujo autor não a tenha revelado para ninguém. A não ser que seja tão oculta que nem ele percebeu. Mas daí você entrou já no perigoso campo da galhofa, como dizia Stanislaw Ponte-Preta.

Uma intenção pode ser oculta para determinada parte do público, mas não para todo o público. Se estiver oculta para todo mundo, então o indivíduo está esperando agir por telepatia. Quando digo que por trás da obra do Kant existe uma intenção, um plano, é por quê? Porque ele expôs o plano. Se as pessoas não viram é porque não quiseram. Porque tiveram a sua atenção atraída para certos aspectos mais elegantes e majestosos da filosofia do Kant e negligenciaram esta parte. Mas não quer dizer que a intenção fosse tão oculta que nunca tivessem falado nada para ninguém.

Investigar essas linhas de significados é uma coisa; tentar adivinhar intenções ocultas e planos secretos é outra coisa completamente diferente (mesmo que o público brasileiro, em geral, não tenha prática dessas coisas, mesmo que confunda uma coisa com a outra). Foi por esses métodos [confusos] que chegaram à conclusão de que sou um agente islamo-sionista.

Bom, eu aproveitei aqui a tradução portuguesa do Arthur Mourão, que saiu no site *lusosofia.net*, e marquei lá uns pedaços e pedi que a Julianne os transcrevesse. Em geral é uma tradução boa, mas, às vezes, há alguns erros ou algumas coisas que soam esquisito, porque é “muito português demais” para o ouvido brasileiro. Mas isso aqui é só um rascunho, nós vamos inclusive corrigindo na medida em que formos lendo. Então não é aqui um texto definitivo.

Começa o Kant assim:

“O historiador, se considerar no seu conjunto o jogo da liberdade e da vontade humana, poderá descobrir um curso regular na história.”

Então existe um curso regular da história.

“Assim os casamentos, já que a livre vontade dos homens sobre eles tem tão grande influência, não parecem estar submetidos à regra alguma e, no entanto, os quadros estatísticos anuais de grandes países mostram que eles ocorrem segundo leis naturais constantes [...]”

É curioso ele falar de leis naturais. Nós diríamos uma constante social, mas ele ainda não faz esta distinção muito clara.

“[...] tal como as alterações atmosféricas, cuja previsão não é possível determinar com antecedência em cada caso singular, mas que no seu conjunto não deixam de manter num curso homogêneo e ininterrupto o crescimento das plantas e outros arranjos naturais.”

Ou seja, você pode falhar em determinada previsão de acontecimentos específicos, mas, no conjunto, você observa uma linha regular e constante. Ele diz que a mesma coisa pode se observar na história.

“Os homens singulares e até os povos inteiros, só em escassa medida se dão conta de que ao perseguirem cada qual o seu propósito de harmonia com a sua disposição particular, seguem imperceptivelmente, como fio condutor, a intenção da Natureza.”

Existe uma intenção secreta da natureza e você, acreditando agir em função apenas de seus fins individuais, vai cumprindo lá as suas ações sem ter em vista, sem perceber que elas obedecem a uma lei maior, a uma constante que transcende infinitamente a sua pessoa. Este aqui é o tema da *astúcia da razão* que será depois mais elaborado por Hegel. A razão se serve dos propósitos individuais para realizar uma finalidade coletiva que escapa ao horizonte de consciência dos personagens envolvidos.

“Tudo, no conjunto da história, se encontra finalmente tecido de loucura, de vaidade infantil e, com muita frequência, também de infantil maldade em ânsia destruidora.”

Quer dizer que em geral os propósitos humanos são muito malignos.

“O filósofo não pode pressupor nenhum propósito racional, peculiar, exceto inquirir se ele não conseguirá descobrir a intenção da natureza no absurdo trajeto das coisas humanas [...]”

Ou seja, os homens são insensatos, agem por razões insensatas, mas por trás de toda a insensatez humana existe uma sensatez, existe uma razão.

“[...] a partir da qual seja possível uma história de criaturas que procedem sem um plano próprio, no entanto, em consonância com determinado plano da natureza.”

Os homens não combinaram nada entre si, eles estão agindo de maneira anárquica, frequentemente infantil e brutal, mas, por detrás de tudo, a natureza, diz ele (às vezes ele usa *a natureza*, às vezes *a história*), tem um plano.

Ele vai tentar apresentar isso em oito proposições:

[0:30] “(1) Todas as disposições naturais de uma criatura estão destinadas a desenvolver-se alguma vez de um modo completo e apropriado. Se, de fato, renunciarmos a esse princípio, já não temos uma natureza regular, antes uma natureza que atua sem finalidade.”

É evidente que se você observar, qualquer organismo tende a se desenvolver para se tornar aquilo que a sua espécie é na verdade. Um gatinho pequenininho provavelmente vai virar um gato grande, se não morrer pelo caminho, se não ficar doente. Em circunstâncias normais cada entidade (ou cada organismo) se desenvolve até o máximo das suas possibilidades segundo uma regra que está inscrita na sua espécie. Então ele diz: “se nós renunciarmos a esse princípio já não temos uma natureza regular”. É claro, se um sujeito que é um gato aos dois meses de idade pode se transformar numa tartaruga aos cinco nós já não podemos entender mais nada.

“(2) No homem as disposições naturais que visam ao uso da sua razão devem desenvolver-se integralmente só na espécie, e não no indivíduo.”

Isso aqui é fundamental no Kant: a razão, tomada no máximo da sua potencialidade, só se desenvolve totalmente na espécie humana e não no indivíduo. Essa tese me parece absurdamente falsa porque, se você tomar como exemplo o século XIII, você pode dizer que a razão humana se desenvolveu excepcionalmente na cabeça de São Tomás de Aquino e Duns Scott, e a espécie humana continuava tão imbecil quanto antes. Exatamente o contrário [do que Kant disse], o que me lembra a tese oposta, do Reinhold Niebuhr: *O homem moral na sociedade imoral*. Era um teólogo protestante esquerdista, mas ele tinha uma tese muito certa. Ele dizia que nenhuma sociedade alcança o nível de alta moralidade que alguns indivíduos alcançam. Isso me parece uma coisa óbvia, se olharmos para o tempo de São Francisco de

Assis, o que era a Europa? Era um bando de celerados, tarados, loucos e no meio apareceu este Santo. Do mesmo modo, tanto na esfera moral quanto na esfera intelectual, você vê que certos indivíduos alcançam um nível de racionalidade e de desenvolvimento infinitamente superior ao da média — para não falar da espécie humana inteira. De onde o Kant tirou isto aqui? Isso está absolutamente injustificado, no entanto ele insistirá nisso até o fim da sua vida, pois o desejo que ele tinha de ver uma racionalidade, um propósito da natureza por trás de ações desconstruídas dos indivíduos humanos o leva a exaltar a racionalidade desse fator impessoal contra toda evidência dos fatos. Tome a sociedade mais desenvolvida e mais racional que você pode imaginar. Por exemplo, a sociedade americana. O coeficiente de irracionalidade, de desordem, de caos, de criminalidade é tão grande... Agora tome um indivíduo mais desenvolvido — um Santo ou um Filósofo — você não verá na vida dele o coeficiente de irracionalidade e de crime. O próprio Kant; quantos crimes o Kant cometeu? Parece que nenhum: ele não matou ninguém, não roubou ninguém e no entanto a Europa estava lá matando e roubando ao mesmo tempo.

É isto o que considero um dos sinais de paralaxe cognitiva a sua experiência individual desmente o que ele está dizendo. Se fosse assim como ele está dizendo — que a razão só se desenvolve plenamente na natureza como um todo, na espécie como um todo, e não no indivíduo —, então porque todo mundo não descobriu *a crítica da razão pura* antes do Kant, porque foi só ele? [Poderíamos dizer para ele:] “você está vendo que você, Sr. Immanuel Kant (que nunca saiu da sua cidade), descobriu coisas, entendeu coisas, que o resto da Europa não estava entendendo — você sozinho, ninguém o ajudou. A sua experiência mostra que o indivíduo vai muito além da espécie e da sociedade no domínio da razão; esta é a sua experiência e, no entanto, você escreve o contrário”. Isso é paralaxe cognitiva, você não pode dizer que ele está mentindo. Ele não está falsificando, está sendo perfeitamente sincero nisto. Em suma, ele não percebeu a relação entre o que está dizendo e o que está fazendo. De outro modo: ele não está analisando as coisas a partir da experiência real, mas a partir de conceitos. Porque ele faz isso? Mais tarde ele mesmo vai justificar o porquê disso.

“A razão [...] não atua [...] de modo instintivo, mas precisa de tentativas, de exercício e de aprendizagem [...] pelo que cada homem teria de viver um tempo incomensuravelmente longo para aprender como deveria usar com perfeição todas suas disposições naturais; ou se a natureza estabelecer apenas um breve prazo à sua vida, como realmente acontece, ele necessita de uma série talvez incontestável de gerações das quais uma transmite à outra os seus conhecimentos [...]”

Transmite seus conhecimentos como? Quanto do conhecimento anterior é transmitido à geração seguinte e a quantos indivíduos? Se você pensar, por exemplo, quanto a humanidade cresceu nesses anos, desde o tempo de Immanuel Kant até agora, e quantos indivíduos chegaram a apropriar-se da filosofia de Immanuel Kant — é um número absolutamente irrisório. Ademais, ele está contando com a transmissão de conhecimentos como se fosse quase um processo biológico que a geração seguinte incorpora da anterior — e isso não é verdade; essa transmissão é enormemente problemática; existe um coeficiente imenso de conhecimentos que se perdem, pelo simples fato de que a linguagem muda e ela se torna incompreensível para gerações subsequentes esse é um fator entrópico que existe, não só na natureza, mas que existe na História e que tem de ser continuamente compensado por esforços. Basta vermos os textos de filosofia antiga: precisam de novas e novas edições, adaptando as traduções à linguagem atual, senão as traduções também se tornam tão incompreensíveis quanto o texto original. Por isso é que nunca se pode dizer que se produziu a edição definitiva de Platão. Bom, é definitiva para esta geração; daqui a quatro ou cinco pode ser necessário explicar tudo de novo porque a linguagem da sua tradução, tal como a do próprio Platão, se tornou antiga e as pessoas não a entendem mais. Isto ocorre sobretudo

numa época com o sistema de comunicação tão amplo como nós temos hoje, a linguagem muda muito rapidamente.

Ele diz que um homem precisaria viver um tempo incomensuravelmente longo para apreender os conhecimentos das gerações anteriores. Mas eu me pergunto se o mesmo não se aplica às gerações [atuais]. Apreender tudo que as anteriores disseram demandaria, também, uma vida incomensuravelmente longa. O mesmo problema vale para uma pessoa como vale para dez mil! Aqui você tem um neguinho estudando a herança cultural da humanidade; ali você tem dez mil neguinhos estudando a mesma coisa; de quanto tempo eles precisariam para absorvê-la inteira? Uma vida ilimitada. Significa que Kant está confundindo o problema do tempo com o problema da quantidade. Se você perguntar: “como é que um filósofo hábil como o Kant comete uma coisa dessas?” É isso que eu chamo paralaxe cognitiva, uma ruptura entre a experiência real que o sujeito está vivendo e o que ele está pensando. A própria experiência do Kant mostra que ele havia absorvido mais da tradição cultural anterior do que praticamente todas as pessoas que ele conhecia. Kant lecionava tudo quanto é matéria que existe — ele lecionava matemática, direito, astronomia, física, geografia, geologia. Ele sabia tudo, praticamente tudo; era um dos homens mais cultos da época. Nós dizemos que essa época é culta por causa de pessoas como Kant e não porque todo mundo sabia tudo. Ele tem a experiência de estar ensinando para uma multidão, não a multidão para ele e, no entanto, ele viu ao contrário. De certo modo o indivíduo se deixa enganar pelo próprio ideal que está formulando. Este ideal adquire para ele a função de uma realidade que se sobrepõe [0:40] à realidade da própria experiência. É nesse sentido que um admirador de Kant, autor das famosas *Meditações sobre os 22 Arcanos Maiores do Tarô*, que se chama Valentino — aliás, eu pensava que ele tinha sido Padre a vida inteira, mas ele era um místico e esotérico russo que, depois, se converteu ao catolicismo e, no livro dele (com um prefácio de von Balthasar), diz que: “as filosofias às vezes são realmente como operações de bruxaria”. Ele não havia lido o Eric Voegelin, que escreveu *Hegel — Um Estudo de Bruxaria*, realmente há um efeito hipnótico sobre gerações de pessoas. O indivíduo não vai poder hipnotizar os outros com a sua filosofia se ele primeiro não se hipnotizou a si mesmo, ele precisa acreditar no que está falando.

Uma coisa que me parece constante na filosofia moderna (pelo menos desde Descartes e Bacon) é esta absoluta incapacidade de raciocinar a partir da sua experiência pessoal, e a necessidade incoercível de raciocinar a partir de conceitos recebidos de alguma maneira. Eu acho que isso só viria a ser corrigido no século XX com o existencialismo. O existencialismo chama atenção para o fato da existência concreta, individual e reintroduz esse tema na filosofia; mas aí já é, por assim dizer, o fim da modernidade — existencialismo é o que vem logo antes do pós-modernismo.

“(3) A natureza quis que o homem tire totalmente de si tudo que ultrapassa o arranjo mecânico da sua existência animal, e que não compartilhe nenhuma outra felicidade ou perfeição exceto a que ele, liberto do instinto, conseguiu para si mesmo, mediante a própria razão.”

A natureza só nos provê com determinados mecanismos elementares e tudo aquilo que nos beneficia em seguida foi obra do ser humano — isso realmente é verdade.

Que [a natureza] tenha dotado o homem de razão e da liberdade da vontade [...]

Que história é essa que a natureza dotou o homem da razão e da liberdade da vontade? Se por um lado você está definindo a natureza como aquilo que só nos fornece os elementos mecânicos elementares; a natureza só nos dá o elementar, e o resto o homem faz por sua liberdade e sua razão, mas foi a natureza que deu a liberdade e a razão. Aí existe alguma

confusão. A idéia de que a liberdade interior do homem possa ser uma doação da natureza contradiz a própria noção de natureza.

“[...] era já é um indício claro da sua intenção [...]”

Ou seja, existe uma intenção na natureza.

“[...] que só as últimas gerações terão a sorte de habitar na mansão em que a longa série dos seus antepassados [...] trabalhou [...] como classe de seres racionais sujeitos à morte no seu conjunto.”

A intenção que a natureza tem só se realizará através da liberdade da razão humana, só beneficiará as últimas gerações. O que pode haver de racional num plano de se sacrificar inumeráveis gerações por algumas gerações que virão no fim e que você não sabe quantas serão? Quem sabe quanto vai durar a história? Ninguém sabe. Kant também não sabe. Então, quando vier este mundo perfeito da razão e da liberdade, quanto tempo ele vai durar? Ele vai durar mais do que toda a história anterior? Qual é a relação de causa e efeito que você pode observar entre uma coisa e outra? Relação nenhuma. Pode durar uma geração, como pode durar mil. Pode durar até mais do que toda a história anterior, mas pode durar menos também. Se durar mais, isso não beneficiará em nada as gerações anteriores. Quer dizer que o reino da justiça, da liberdade da razão, se baseará numa distinção absolutamente irracional entre quem nasceu antes e quem nasceu depois. Kant colocará como um dos seus princípios morais a idéia de que nenhum ser humano pode ser usado como meio — todo ser humano é um fim. Mas como pode ser um fim se todos da geração anterior só serviram de meio para a felicidade final dos últimos? Às vezes são contradições até brutais que mostram que esse homem tão criterioso no exame da estrutura do conhecimento humano — como ele fará na *Crítica da Razão Pura* — pode cometer cochilos horríveis ao longo da sua obra. Só que é o seguinte: a *Crítica da Razão Pura* é apenas o exame de um problema técnico da filosofia, um problema específico, e isto aqui é a proclamação do objetivo geral da vida de Immanuel Kant. Em suma, a natureza sabe mais do que o indivíduo e através dela se realiza esta sua razão oculta, esse seu plano oculto.

“(4) O meio de que a natureza se serve para obter o desenvolvimento de todas as suas disposições é o antagonismo destas na sociedade, na medida em que ele se torna a causa de uma ordem legal das mesmas disposições.

Entendo aqui por antagonismo a sociabilidade insociável dos homens [...]”

Ele diz que o ser humano tem, ao mesmo tempo, a tendência de se associar aos outros e de se isolar deles, e isto é verdade: existe uma tensão entre os instintos sociais e anti-sociais ou associativos. E ele diz que a necessidade de uma ordem legal surge exatamente disto aqui. Se todo mundo tivesse uma tendência social como, por exemplo, têm as formigas não seria preciso uma ordem legal porque todas vão obedecer àquela tendência social e pronto, acabou o problema. Porém, o ser humano tem as duas coisas ao mesmo tempo. Isso está muitíssimo bem observado: a ordem legal surge de um antagonismo inerente à natureza humana, por assim dizer.

“O homem tem uma inclinação para entrar em sociedade [...]. Mas também tem uma grande propensão para se isolar [...] esta resistência é que desperta todas as forças do homem [...] movido pela ânsia das honras, do poder e da posse, a obter uma posição entre os seus congêneres, que ele não pode suportar, mas dos quais também não pode prescindir.”

Veja que toda a ambigüidade dos termos “egoísmo” e “altruísmo” já está colocada aqui. Se a Ayn Rand tivesse lido o Kant com mais atenção teria aprendido com ele como resolver o problema do “egoísmo” e “altruísmo”. Eles não são conceitos filosóficos, são disposições naturais humanas; não são princípios filosóficos, não são princípios que possam orientar a ação. Se você disser que a ação absolutamente egoísta seria aquela que visa a beneficiar apenas o indivíduo e a mais ninguém, isto tornaria, por exemplo, a masturbação um prazer sexual infinitamente superior às relações sexuais porque não necessita da divisão do prazer sexual com mais ninguém — é inteiramente absurdo. Propor o egoísmo como uma orientação que existe? Não, ela não existe separada do altruísmo nem o altruísmo existe separado do egoísmo, por exemplo, se você decide ajudar uma pessoa, você tem alguma satisfação, você fica feliz em ter ajudado. Ah, não, mas você quer ser tão altruísta a ponto de fazer todo o bem para terceiros e só quer ficar infeliz com o resultado. Isso existe? Não existe. Então você vê que egoísmo e altruísmo não são nomes nem sequer de tendências que existam por si mesmas, que possam ser totalmente distintas. A distinção entre o egoísmo e altruísmo é uma distinção meramente conceptual e funcional, mas não expressa uma realidade. Cento e tantos anos antes da Ayn Rand, o Kant já tinha visto que o que cria a ordem legal é a tensão entre egoísmo e altruísmo que está presente em praticamente toda a ação humana. Há muita coisa a aprender com o Kant. Muitas vezes ele é muito engenhoso — às vezes é burro, e às vezes é engenhoso. É uma coisa incrível. É como o Jaguar: “o único gênio idiota”. Não, Kant também era um gênio idiota.

“Desenvolvem-se pouco a pouco todos os talentos [...], através de uma incessante ilustração [...]” [0:50]

Com ilustração ele quer dizer “esclarecimento”.

“[...] o começo transforma-se na fundação de um modo de pensar que, com o tempo pode [...] se transmutar ainda, deste modo, num todo moral em consonância para formar a sociedade patologicamente provocada.”

Quer dizer, é este conflito, esta doença humana permanente que gera a ordem legal.

“Sem as propriedades em si não disser dignas de apreço da insociabilidade todos os talentos ficariam para sempre ocultos numa arcádica vida de pastores.”

A insociabilidade é tão necessária para a ordem legal quanto a sociabilidade.

“(5) O maior problema do gênero humano [...] é a consecução de uma sociedade civil que administre o direito em geral.”

Está aqui dado o objetivo: criar a sociedade regulada pelo direito. Sociedade que idealmente será universal.

“[...] só na sociedade [...], que tem a máxima liberdade, por conseguinte, o antagonismo universal dos seus membros possui, no entanto, a mais exata determinação e segurança dos limites de tal liberdade [...]”

A ordem social é feita de uma tensão. Assim como a conduta humana é uma tensão de sociabilidade e insociabilidade, a ordem moral e jurídica será uma tensão entre a liberdade e os seus limites.

“[...] só nela [sociedade] se pode ter a mais elevada intenção da natureza, [...]”

Ou seja, toda esta intenção secreta que vem se revelando na história, por trás de toda a confusão ilimitada das iniciativas individuais caóticas, se realizará, enfim, nesta ordem jurídica final que conciliará a liberdade e a necessidade dos seus limites.

“[...] por isso, uma sociedade em que a liberdade [...] se encontra unida no maior grau possível com o poder irresistível, isto é, uma constituição civil perfeitamente justa, que deve constituir para o gênero humano a mais elevada tarefa da natureza; [...]”

Pronto, está aqui dito qual é o objetivo de tudo que o Kant está fazendo: nós queremos fazer o possível para que a humanidade chegue a esta sociedade perfeitamente justa em que a liberdade, e os limites necessários da liberdade, estão perfeitamente harmonizados realizando, portanto, o objetivo secreto de tudo o que vem acontecendo aqui desde o tempo do homem de neandertal.

“(6) A dificuldade [...] é a seguinte: o homem é um animal que [...] precisa de um senhor, que lhe quebrante a vontade própria e o force a obedecer a uma vontade universalmente válida, [...]”

O que é a “vontade universalmente válida”? É o ditame da razão universal. Algo que tem de ser imposto; alguém tem de impor ao indivíduo de tal modo que, obedecendo à verdade universalmente válida o indivíduo continue livre. Este tema da liberdade como reconhecimento da necessidade, um reconhecimento imperativo categórico, virá depois com o Engels. O que é imperativo categórico? Aquilo que tem de ser aceito, que tem de ser feito de qualquer maneira. A liberdade consiste no reconhecimento do imperativo categórico (que não se opõe à liberdade porque ele é o meio para sua realização). Isto é a liberdade dentro da ordem legal — que é também ideal americano, evidentemente.

“Mas tal senhor é também um animal [...]”

Quer dizer, aquele que vai impor ao outro a ordem legal também é um animal e ele também precisa de um senhor.

“[...] não é de prever, portanto, como é que um chefe da justiça pública venha a conseguir tornar-se justo; [...] de um lenho tão retorcido [...] nada de inteiramente direito se pode fazer. Apenas a aproximação a esta idéia nos é imposta pela natureza.”

Ele reconhece que é um ideal inatingível do qual devemos nos aproximar, como numa assíntota à curva que vai chegando perto de uma linha, mas não chega nunca. Este é o sentido geral da vida humana — aproximar-se indefinidamente da ordem social perfeitamente justa sem poder atingi-la nunca. Então, se a obrigação de todos é aproximar-se desta sociedade perfeitamente justa, já está dada a regra universal que todos tem de cumprir — todos temos de lutar pelo reino da justiça de algum modo.

“(7) O problema da instituição de uma constituição civil perfeita depende, por sua vez, do problema de uma relação externa legal entre os Estados e não pode resolver-se sem esta última.”

Não adianta a produção de uma ordem legal perfeitamente justa em um país, se existe outro Estado onde há uma ordem legal injusta que vai entrar em concorrência com o primeiro. Portanto, é necessário também uma ordem legal perfeitamente justa entre todos os Estados — e aí já está o projeto da ONU.

“[...] A mesma insociabilidade [...] é de novo a causa pela qual cada comunidade se encontre numa relação exterior [...] numa liberdade irrestrita e, por conseguinte, cada uma deve esperar do outro os males que pressionaram e constrangeram os homens singulares a entrar num estado civil legal.”

Do mesmo que entre os seres humanos a tensão entre a sociabilidade e a insociabilidade vai gerando a necessidade da ordem legal, entre os Estados há tendência, por um lado, a colaborar e, por outro, lado a se destruir uns aos outros. Não dá para fazer nem totalmente uma coisa, nem totalmente outra, e isto é que vai gerar a ordem internacional.

“[...] por meio das guerras [...] a natureza compele-os, primeiro, a tentativas imperfeitas e, finalmente, após muitas devastações, ao intento que a razão lhes poderia ter inspirado, mesmo sem tantas e tão tristes experiências, a saber: sair do estado sem leis dos selvagens e ingressar numa liga de povos [...]”

O termo que ele usa é “liga das nações” e o primeiro nome da ONU foi “Liga das Nações”. Dizer que foi um coincidência, ninguém leu Kant [é falso]. Claro que o Kant foi lido. Quando se vê o projeto, ele é kantiano não porque é parecido, mas porque as pessoas realmente leram Kant e acharam que ele estava certo e que deviam fazer isso.

“Embora essa idéia pareça ser fantasiosa [...], nem por isso deixa de ser a inevitável saída da necessidade [...] renunciar à sua liberdade brutal e buscar a tranqüilidade e a segurança numa constituição legal.

Tanto entre os indivíduos de cada nação quanto entre as várias nações. Ele reconhece que essa tensão pode continuar indefinidamente, mas que a tendência geral será para buscar a ordem mundial.

“Todas as guerras são, pois, outras tentativas [...] de suscitar novas relações entre os Estados [...]; até que, por fim, [...] se erija um estado que, semelhante a uma comunidade civil, se possa manter a si mesmo como um autômato.”

Assim que se resolvem todos os problemas, daqui para diante todo o funcionamento será automático. Mas ele reconhece que isto é uma meta ideal e que ele não sabe se vai poder ser atingido ou não. De qualquer modo, diz ele que todo o curso da história é regido por este intuito secreto da natureza que se realiza através das decisões arbitrárias e diferentes dos vários homens.

“[...] deverá esperar-se (que isso aconteça por) uma convergência epicurista das causas [...]”

Ele está falando do jogo dos átomos do Epicuro — os átomos que vão em todas as direções, o que se chama “o cliname”: cada átomo tem lá a sua inclinação “pessoal” e, dos entrechoques anárquicos, randômicos dos átomos, surgem os seres. Kant diz que se pode esperar que esta ordem final nasça de uma convergência epicuriana de átomos ou...

“[...] ou supor-se-á, pelo contrário, que a natureza persegue aqui um curso regular [...]”

Ele diz que ou temos o cliname, que são os efeitos imprevisíveis do caos, ou existe uma razão por trás, que está levando tudo nesta direção. Mesmo assim, ele não nega que exista também um encontro casual dos átomos [1:00]; existe uma anarquia, mas existe uma ordem por trás.

“[...], não se pode predizer se a dissensão [...] não acabará por nos preparar, num estado assim civilizado, um inferno de males, porque talvez venha a (nos) destruir esse mesmo estado e todos os progressos realizados na cultura (destino que não se pode [esperar] sob o governo do acaso cego [...]) [...] será razoável supor a finalidade da natureza nas suas partes e, no entanto, não a admitir em seu conjunto? [...]”

Esta aqui é uma grande pergunta, porque vemos exemplos de indivíduos que conseguiram uma ordem quase perfeita na sua alma. Olhar para os grandes santos e sábios é ver a ordem da alma; mas você não vê nenhuma sociedade cuja perfeição se aproxime à ordem da alma de um sábio ou de um santo. Isso você não vê em parte alguma. A essa pergunta dele, "será razoável supor a finalidade da natureza nas suas partes e não admitindo o seu conjunto?" a resposta é "sim". Este desejo, este impulso da ordem pode se realizar aqui e ali — por assim dizer, "contra tudo e contra todos" — e pode não se realizar no conjunto; nunca se realizou no conjunto e já se realizou em almas individuais.

Esse é, na verdade, um dos temas de Sócrates. Dentro do caos social, um indivíduo ordena a sua alma na máxima medida possível e ele se torna, por assim dizer, um modelo para a reordenação da sociedade; reordenação que jamais chega a se realizar completamente. Por quê? O indivíduo tem uma existência contínua desde que ele nasce e até que ele morre, e a sociedade não tem. A sociedade não é um organismo que tem uma existência unitária; ela se compõe de partes que são cortáveis, que são elimináveis. Toda hora morre gente e entram novas pessoas que você não sabe quem são. E se você perguntar se existe alguma sociedade que tenha uma organização tão unitária, tão firme, que tenha uma unidade substancial como tem uma individualidade humana?, a resposta será não. A individualidade humana é efetivamente uma individualidade, ela tem um padrão de unidade que se preserva desde o nascimento até a morte, e a sociedade não tem. Pensemos: a vida de um ser humano pode variar — a duração da vida pode variar de um minuto até cem anos, digamos; é mais ou menos isto, a variação de cem, de um pra cem, não é? O que durou pouquinho, durou um dia; o que durou muito, durou cem anos; e as sociedades? Existem sociedades que duraram cinco mil anos, outras que duraram um mês; você vê que a variação é muito maior. Há países que foram constituídos ontem e já cessaram de existir, e há nações, como os chineses ou os judeus, que existem aí há pelo menos cinco mil anos, documentadamente — sem contar a parte não documentada. Nós podemos falar de uma duração média da vida individual, mas não podemos falar de uma duração média das sociedades. Então é mais fácil obter a ordem nas partes, isto é, nos indivíduos, do que no cosmos, ao contrário do que ele diz.

“(8) Pode encarar-se a história humana no seu conjunto como a execução de um plano oculto da natureza, a fim de levar a cabo uma constituição estatal [...] perfeita [...]”

Ele não poderia ter dito isto de uma maneira mais clara: tudo na história se dirige à constituição do Estado perfeito, Estado este que não basta para harmonizar os indivíduos, mas tem de harmonizar os outros Estados também. Portanto, o Estado mundial é a finalidade da história humana segundo Kant. Será que ele concebeu algum ideal mais grandioso do que esse a que ele fosse se dedicar? Não, este aqui é o ideal da vida dele. Note bem: este texto é de 1784, três anos depois da publicação da *Crítica da Razão Pura*; então ele está no auge das suas faculdades, da sua criatividade; está hiper-consciente. E ele voltará a isso muitas vezes até morrer, sem mudar absolutamente nada. Ele diz:

“[...] esta trajetória (...) parece exigir um tempo tão longo antes de se fechar [...] só com igual incerteza se pode determinar a forma do seu curso [...]”

Ele não sabe quanto tempo vai levar para chegar nisto aqui.

“Contudo, a natureza humana (não) implica ser indiferente em relação à época mais remota que dirá respeito à nossa espécie, [...]”

Ou seja, a nossa natureza não determina que nós sejamos indiferentes ao futuro remoto. De fato, o sujeito pode estar aqui pensando como será a humanidade dali a cinco mil anos. Você vê que existem fatores que duraram cinco mil anos. Por exemplo, as leis de Noé, os dez mandamentos; tem gente que ainda os seguem. Estão inalteráveis há muito tempo.

“Por isso, são muito importantes até mesmo os débeis indícios da sua aproximação. [...]”

Até débeis indícios de que estamos caminhando para essa ordem mundial perfeita são importantes para o filósofo. Claro que na época dele esses indícios eram muito menos intensos do que são hoje; hoje todo mundo fala de governo mundial, é um assunto que está presente, mas não estaria presente sem ele. Nós podemos dizer que ele coloca esse tema no primeiro plano. Para mostrar para vocês que esta idéia de um “curso secreto”, da “astúcia da razão” — o termo é do Hegel, mas a idéia é do Kant —, até que ponto isto entrou na mentalidade contemporânea *imediatamente*, eu vou dar aqui um exemplo para vocês. Está aqui o livro do Xavier Martin, um grande historiador, *Natureza Humana e Revolução Francesa*:

“Em maio de 1803, quando da elaboração do código civil dos franceses, um orador, na intenção de justificar a concessão legal de uma faculdade sucessoral de dispor os seus bens entre irmãos, diz o seguinte: ‘que o irmão incapaz de amar seu irmão sinta no seu coração perdido que é preciso ao menos que o seu ódio não apareça; os seus cuidados, comandados pelas conveniências, se tornarão para ele um hábito e o levarão por graus e, por assim dizer, sem que ele o saiba, em direção à amizade.’”

É o mesmo jogo do Kant: o entrechoque dos interesses individuais antagônicos leva os indivíduos a criar um acordo entre eles, sem que eles percebam. A ordem legal surge da desordem emocional dos indivíduos, sem que eles o percebam.

“Em fevereiro de 1804, um de seus colegas, gabando a eficácia, a eficiência da inalienabilidade dos imóveis da esposa para manter em atitude de respeito o ambiente familiar da mulher que está envelhecendo, explica: ‘na inutilidade da sua decrepitude, e no enfraquecimento demasiado comum das afeições e das lembranças mais sagradas, importa que ela não possa jamais se separar desse dote que se lhe torna cada vez mais necessário dia a dia, ainda que fosse apenas, em aparência, um objeto de esperança, que age sobre os mais [1:10] virtuosos sem que eles saibam.’”

Respeitar os bens da mulher que está envelhecendo, ainda que seja só em aparência, acaba se tornando um hábito, mesmo que as pessoas não percebam. Ainda que elas queiram meter a mão nos bens da mulher, eles acabam não o fazendo, porque existe um jogo de conveniências. É exatamente o mesmo raciocínio que está no Kant. Aquilo que Kant escreveu em 1784, vinte anos depois, vira uma realidade, um modo de raciocínio que está dentro do “espírito da legislação” francesa no tempo da revolução.

Esses caras todos leram Kant? Não, muitos não leram. São os mais importantes que lêem e que vão passando a idéia. A “astúcia da razão”, que Hegel depois iria elaborar muito, já havia saído da cabeça do Kant e já havia se tornado um princípio prático para os legisladores franceses. A

legislação pode se aproveitar desta astúcia da razão para forçar um acordo onde existe naturalmente um desacordo, porque este desacordo já traz, em si, pelo jogo das conveniências, as sementes de um acordo.

Veja a imensidão desta influência. Quantas pessoas hoje, quantos líderes mundiais, quantos intelectuais, quantos formadores de opinião não pensam exatamente isso, conduzir os homens ao bem e à ordem sem que eles o percebam? Todo o projeto da Nova Ordem Mundial é assim. Se você ler o livro do Pascal Bernardin, *Maquiavel Pedagogo*, você verá que ali existem técnicas de manipulação comportamental para mudar a conduta do indivíduo, sem passar pela inteligência ou pela consciência dele, para que todos se tornem bons cidadãos da Nova Ordem Mundial e se dirijam ao bem e à harmonia, sem perceber. Tudo isso começa com Kant. Se não houvesse uma elaboração intelectual mais profunda desta idéia, ela não teria se tornado popular. E é evidente que essas pessoas que usam esse princípio hoje — o PT usa isso aqui —, jamais teriam conseguido criar essa idéia por si mesmas. Aqui, você vê que o Comte tinha razão: "é um filósofo morto que está determinando o que as pessoas vão fazer".

Bom, na próxima aula continuaremos, espero, com esta investigação do Kant e já com um outro texto que eu vou dar para vocês. Existem vários textos do Kant que são importantes para este trabalho. Eu sugeriria que todos aqueles que querem estudar o Kant em mais profundidade lesem *estes* escritos antes de ler a *Crítica da Razão Pura*, *Crítica da Razão Prática*, *Crítica do Juízo*, *Prolegômenos a Toda Metafísica Futura*, ou seja, os textos mais técnicos do Kant. Lembro que no artigo anterior eu falei — no artigo e na aula anterior — eu falei da distinção do Josiah Royce entre o espírito de uma filosofia e a sua realização técnica. O espírito da filosofia do Kant está aqui; coisas como a *Crítica da Razão Pura*, a *Crítica da Razão Prática* etc., fazem parte da realização técnica; fazem parte dos meios e não dos fins. Então eles estão subordinados a isto [aos excertos lidos hoje], e não isto àquilo; embora que do ponto de vista acadêmico, o sujeito que vai estudar [diga] "ah, eu quero estudar filosofia, então eu vou pegar o quê? O que me pareça a filosofia melhor, o que me pareça mais puramente filosófico". Veja: o seu interesse escolar determina que você dê mais atenção a determinados escritos do que a outros. Você falsificou a realidade histórica em benefício do quê? De você se sentir filósofo. Filosoficamente, é claro que a *Crítica da Razão Pura* é muito melhor do que isso aqui que vocês estão lendo, só que aquilo lá faz parte dos meios e não dos fins. Então, historicamente, temos de inverter isto aqui e perguntar qual o motivo de Kant fazer a *Crítica da Razão Pura*. Para aprimorar a razão, para delimitar com exatidão as suas possibilidades e limites para que o império universal da razão pudesse se tornar factível. Estão entendendo?

Eu vou responder algumas perguntas e, em seguida, eu vou parar aqui e fazer algumas observações sobre a situação política nacional, porque muitas pessoas me pediram para fazer uma gravação a respeito e eu não vou poder fazer uma gravação longa, mas eu quero falar uns dez minutos sobre isto.

Aluno: O senhor comentou que, na filosofia de Kant, somente a intenção política permaneceu imutável durante toda a sua obra. Pergunto, em largos traços, se podemos considerar que a concepção política que Kant preservou durante toda a sua vida foi a origem remota do socialismo?

Olavo: Não só do socialismo: foi a origem de todo o mundo moderno, de toda a política moderna. Agora, a parte que se desenvolveu com base em Marx toma uma direção independente e bem diferente da kantiana. Mas essas duas coisas hoje já se misturaram de muitas maneiras. Por quê? Porque a partir do momento em que surge o socialismo fabiano — que é essencialmente o socialismo através da legislação e não através de um processo revolucionário, de uma insurreição na base leninista, mas através de sucessivas mudanças na legislação — e que surge a estratégia de Antônio Gramsci, então é evidente que muitas pessoas usam uma argumentação, um quadro de referência kantiano para isto, visando a chegar a um socialismo, não se sabe quando. E, por outro lado, a revolução cultural gramsciana também tem de se utilizar dos meios institucionais existentes, tentando modificar a mentalidade e, para isto, muitas vezes usam também de recursos kantianos. Por exemplo, toda esta coisa de você “des-realizar” a realidade e substituí-la por conceitos jurídicos, onde uma coisa que está na constituição passa a substituir a realidade. O “casamento gay” é o típico exemplo.

O casamento é a regulamentação de uma relação onde o fundamental é a definição de papéis conjugais, papéis sexuais. Se não há diferenciação de papéis sexuais não é um casamento, é uma outra coisa qualquer. A partir do momento que você diz que existe “o direito” a um casamento entre pessoas do mesmo sexo, a noção de casamento foi apagada evidentemente, ela não se distingue de qualquer outra relação social. A diferença biológica, material, continua existindo do mesmo modo, mas não conta mais, de modo que o legal se superpõe ao real. Isso aí nós vamos investigar mais tarde. Então, o Kant não era um socialista nem um anti-socialista, o que ele fez está por baixo de tudo o que acontece hoje na política; inclusive, a influência que [ele] exerceu entre os socialistas e marxistas é enorme. Mesmo a contragosto. Durante um tempo parecia que as duas linhas predominantes no pensamento materialista ocidental, o pensamento agnóstico ocidental ou ateu ocidental, era o marxismo e o positivismo. O positivismo é um filho direto de Kant. Inclusive, no Brasil, nas faculdades de ciências sociais do Brasil, só existem essas duas coisas: ou você é um marxista ou você é um weberiano. Isso ficou assim durante quarenta ou cinquenta anos, mas depois as duas coisas, evidentemente, se fundiram. Quando você fala, por exemplo, de concorrência PT e PSDB, remotamente é isto, são os marxistas e os weberianos.

Aluno: “A Igreja não seria um exemplo de modelo de sociedade ininterrupta, que conseguiu alcançar uma ordem quase perfeita, a imagem da alma de um santo ou sábio?”

Olavo: Sim. Até certo ponto, sim. Mas acontece que a Igreja é uma sociedade cuja função não se limita a este mundo. A Igreja não está aqui para reformar este mundo, ela está aqui para levar as pessoas para o céu. Melhoramentos que aconteçam neste mundo por obra da Igreja são mais ou menos como você arrumar o quarto do hotel, está entendendo? Você não vai ficar ali, mas não é por isso que você vai tocar fogo no hotel, fazer cocô na cama e deixar ali; você não vai [fazer isso], vai deixar tudo mais ou menos arrumadinho para o próximo que chegar. Então, a Igreja não tem esta finalidade de criar um estado ideal, de maneira alguma. E tem uma outra pergunta que vem a calhar aí. [\[1:20\]](#)

Aluno: “A noção kantiana de razão universal, de uma sabedoria que conduz os homens à harmonia e à ordem a despeito das paixões e erros dos indivíduos, não é a versão caricatural invertida da Providência e da graça?”

Olavo: Sem sombra de dúvida. Mas são uma providência e uma graça intramundanas que pretendem realizar uma perfeição neste mundo — ainda que reconheçamos que esta perfeição seja inatingível —, é esperado que nos aproximemos dela. Isto a Igreja jamais disse:

que nós temos que nos aproximar de uma ordem social perfeita; ao contrário, quando Cristo diz: “daí a César o que é de César, e de Deus o que é de Deus” Ele está querendo dizer que o mundo de César era provisório, que nós não fomos feitos para este mundo, nós fomos feitos para a vida eterna. Quando você pensar em vida eterna lembra o seguinte: uma única alma imortal durará mais do que toda a duração da história humana e de todos os impérios e civilizações. Toda a história humana será apenas um capítulo da vida de uma alma imortal, veja a diferença incomensurável de escala em que a Igreja está falando e que esse pessoal está falando. Se você pensar qual é o sentido da história humana, verá que é mandar as pessoas para o Céu ou para o Inferno; é só isto. Só a história espiritual, só a história da salvação, faz sentido; a história material é o conjunto dos resultados impremeditados das nossas ações. Ela é só isto — não há conexão, não há continuidade, não há sentido algum nesta coisa. Não há e não pode haver. Porque para falar no “sentido da história” você precisa saber onde a história vai terminar e, para saber onde vai terminar, você tem de saber quando a história vai terminar. Como não se sabe... Esse é o raciocínio do Eric Voegelin: “quem sabe onde é o fim da história?” para saber a finalidade da história é necessário saber o fim da mesma. Já a passagem da escala terrestre para a escala eterna é uma mudança irreversível; isso acontece com cada pessoa que morreu. Cada um que morreu já foi para eternidade e já tem ali o sentido completo da vida realizada. *“Tel qu’en Lui-même enfin l’éternité le change”* [a eternidade o transforma enfim naquilo que ele sempre foi] o morto tem um destino eterno, não vai mudar mais. Ali se consuma o sentido de tudo o que se passou naquela vida terrestre em particular, e isso acontecerá com toda a humanidade, mesmo para quem faça abstração de um fim total da história. Todos vão morrer e para todos que morreram a história humana acabou, começou a história eterna. A história da eternidade é outra coisa.

Aluno: Kant diz que a humanidade segue rumo a uma sociedade racional e à ordem perfeita assim como Marx dizia que a sociedade iria convergir naturalmente rumo ao comunismo. Essas duas linhas de pensamento sugerem que a história segue uma linha contínua, mas o senhor já mencionou que não há nenhum grande progresso no conhecimento, mas no seu esquecimento de conhecimentos anteriores: a história seguiria, na verdade, uma espécie de ciclo e não progresso linear.

Olavo: Não acredito em nenhuma teoria cíclica porque, quando você consegue observar ciclos, a relação entre eles não é de identidade, é puramente analógica. Quando você chega ao capítulo 3 do ciclo e observa o mesmo capítulo num outro ciclo, ele não é igual a este, é simplesmente análogo — tem coisas parecidas e coisas diferentes. Os ciclos não são uma realidade objetiva, só existe ciclo em atividades que são — isso aqui é fundamental —, por sua própria natureza, repetitivas. Por exemplo, na economia existem inúmeras atividades que são cíclicas: a colheita, a produção, a transformação e o consumo. Quando se chega ao consumo, acabou. E daí vai acontecer tudo de novo igualzinho, cada parte de feijão consumida seguiu o mesmo processo e vai continuar a segui-lo. Estes elementos cíclicos não abrangem a sociedade inteira, os ciclos se encaixam dentro de uma outra estrutura que não é cíclica. Compreender a distinção entre os fenômenos cíclicos e os não-cíclicos é fundamental e reduzir toda a história humana a ciclos é uma coisa inteiramente absurda, é puramente fetichismo. Isso é fantasia esotérica. Por exemplo, na sua vida você tem o ciclo diário: você acorda, passa o dia, vai dormir e no dia seguinte volta. Então isso é cíclico, mas a sua vida é cíclica? Você volta a ter sete anos quando você tem setenta? Não! Você tem então uma coisa linear, e outra cíclica, e as duas têm uma tensão e uma relação — entre uma e outra — e é preciso distingui-las cuidadosamente [para não] reduzir tudo ou a ciclo ou a linearidade. Existem: ciclo, linearidade, continuidade, descontinuidades, unidade, diversidade, ordem, caos — tudo isso está presente. E se um camarada que é um historiador vai contar a história do passado, não é nem [para] prever o futuro, ele tem de levar em conta todos esses elementos

porque isto é o tecido real da vida humana. Se fosse possível reduzir tudo a uma linearidade ou a um ciclo, então você poderia fazer um algoritmo que previsse tudo dali pra diante e não ia ter mais problema, só que isso não seria vida humana isso seria a vida de um robô.

Aluno: Em que medida a Igreja alcançou esta perfeição?

Olavo: mesmo dentro da Igreja você tem esta tensão entre o elemento Divino e o elemento humano. A Igreja é perfeita na sua constituição Divina, mas ela é imperfeita nos seus membros e no seu desempenho; uma coisa não elimina a outra e nem se integra perfeitamente na outra.

Vou deixar as perguntas para depois pois quero fazer algumas observações sobre a situação política atual. Em primeiro lugar: se durante quarenta anos uma facção política tem o monopólio dos protestos de rua, da circulação de informações, da cultura, da educação, da mídia etc., haver uma virada puramente eleitoral depois de quarenta anos é quase um milagre, e, no entanto, está acontecendo. Só explico isso da seguinte maneira: tudo o que foi feito em matéria de revolução cultural gramsciana, ocupação de espaço etc., afetou só uma parte (pequena) da população. A maioria da população não está nem sabendo de nada disso e continua vivendo de acordo com os princípios e valores tradicionais de quarenta, cinquenta anos atrás. E é este pessoal que está mudando de candidato agora. Porque eles votavam só nos candidatos de esquerda? Porque só havia candidatos de esquerda e ninguém queria se opor a eles, ninguém ofereceu oposição. Se você comparar o discurso do Aécio Neves, agora, com os discursos dos outros concorrentes que se ofereceram ao PT, a diferença é monstruosa.

Monstruosa porque nas outras eleições só o que você via era um campeonato de esquerdismo: “eu sou mais esquerdista que você”, “eu sou mais leal!” Foi assim. Pelo menos nas duas eleições foi assim. É aquilo que disse o próprio Fernando Henrique Cardoso: “entre nós e o PT” — ou seja, entre o PSDB e o PT tal como ele os compreendia — “não há diferença ideológica, há apenas uma disputa de cargos.” Isto o Fernando Henrique disse. Existia uma hegemonia ideológica completa, onde qualquer violação do código esquerdista era considerado quase um crime de lesa-pátria. O Aécio Neves, sem precisar, dá uma definição ideológica anti-esquerdista, ele está combatendo o esquema petista com um vigor, uma violência como nunca se viu, de modo que não será possível mais limpar a reputação dessas pessoas. Eles já saíram sujos de qualquer maneira, não tem mais como levantar.

Agora, como desta imensa tragédia, dessa debacle do petismo a que nós estamos assistindo você vai conseguir salvar o socialismo? De que milagre você precisa para isto? Porque tudo que eles fizeram foi em nome do socialismo e eles estão associados a todo o movimento comunista continental. O PT não fez esse crime sozinho, ele fez com a ajuda do Fidel Castro, de Chaves, de Maduro — toda esta cambada. Então, como disse aquela líder socialista boliviana cujo nome eu esqueci: “a eleição desse Aécio Neves é uma catástrofe continental”.

Eu digo: está caindo tudo, não é só o PT. É o Foro De São Paulo inteiro. O Aécio não precisa nem chegar lá e dizer: “eu sou contra o comunismo. Eu sou a favor da democracia liberal”. Ele não precisa. Estou achando uma coisa genial que ele não tenha assumido nenhuma definição ideológica porque não precisa disso agora. Nesse momento não precisa de absolutamente nada. O que está caindo é esquema socialista inteiro. O Aécio vai ter de fazer outra coisa porque a imagem do socialismo e do comunismo não dá mais para salvar. Isso quer dizer que essa eleição do Aécio abre a oportunidade de mudar muito o curso das coisas. O problema é que esse pessoal se preparou durante 50 anos pra fazer isso, o negócio da revolução cultural começa na década de 60 do século passado e a ocupação de espaços, também. Eu já falei para vocês que ainda no tempo da ditadura militar o pessoal da esquerda dominava a grande mídia e dominava a imprensa nanica (de oposição), fingindo uma concorrência, fingindo até uma

oposição entre essas duas coisas; ali era a estratégia das tesouras: se você não apanhava com a mão direita, você apanhava com a mão esquerda. E também usando a grande mídia como instrumento de desinformação. Chega lá na redação do Globo, só tem esquerdista só tem comunista naquela coisa. Para não dizer que só tem, tem uns duzentos comunistas para dois não comunistas. E ainda assim você consegue, através da imprensa nanica, blogs etc., esbravejar que o Globo é um órgão da direita? Então você pode usar o Globo como instrumento de desinformação; o Globo e os outros jornais, como usaram o Jornal Brasil durante muito tempo, quer dizer, 50 articulistas comunistas escrevendo num jornal de direita e o que eles dizem passa a ser a voz da direita, portanto isto é desinformação no sentido técnico da coisa. Desinformação só funciona quando é veiculada por alguém da confiança da vítima, então o nego para passar desinformação comunista tem de parecer direitista. E daí a insistência desses blogs, como vermelho.org e outros, de chamar a grande mídia de direitista quando eles sabem perfeitamente que não é, quando sabem quem são os camaradas que estão lá mandando.

Então, graças a essa longa preparação, a ocupação de espaços se alastrou por toda parte e tomou praticamente o Estado inteiro — isto quer dizer que seu Aécio Neves será eleito para presidir um governo e Estado que já estão contra ele (está todinho ocupado pelos inimigos). Ele vai ter de tirar essa gente de lá, de algum modo. E ele não poderá fazer isso se o apoio do eleitorado se limitar ao dia da eleição; ele ficará isolado e será destruído como o Fernando Collor foi. Se bem que ele é incomparavelmente melhor do que o Fernando Collor, porque o Fernando Collor era só vaidade, era um homem absolutamente oco em que eu não votaria para gerente de um posto de gasolina. Mas é o tal negócio, a direita brasileira é representada eminentemente pela família Marinho, e ela adora pegar um imbecil e o colocar lá em cima para poder controlá-lo (a Família Marinho e outros). Eles nunca procuraram um líder de verdade, mas sempre figuras de fachada como Jânio Quadros ou Fernando Collor. Quando aparecia um sujeito que tinha alguma substância, como Carlos Lacerda, diziam: “ah não! esse não pode”; tem de ser um simulacro. Eu acho que a era do simulacro acabou, porque esta direita que constituiu esses caras acabou, graças a Deus, e já foi para a lata de lixo, para a privada da história e já é para acabar mesmo porque esse pessoal fez muito mal ao Brasil.

O problema que se colocou para as forças de oposição, ao longo desses anos, continua. É o problema de você organizar militância, porque só o outro lado tem militância. Nós temos o eleitorado, o Aécio Neves tem o eleitorado, que está maciçamente a favor dele. Acontece que o eleitorado é uma força dispersa. O eleitor age num dia: no dia da eleição e depois vai pra casa. Já o militante está lá todo dia. Se o Aécio Neves não tiver ao seu lado uma militância para sustentá-lo no poder, ele estará lascado. Não se limitem a votar em Aécio Neves, mas criem uma militância para lhe dar sustentação quando ele tiver de agir contra essa gente que ocupou o Estado. O que fazer com essas pessoas? A minha proposta é muito simples: todos aqueles que usaram o Estado como instrumento para prática de crimes devem ter os seus direitos políticos cassados para sempre, até ao fim de suas vidas e devem ser proibidos de exercer qualquer atividade na educação e na mídia. Devem ser forçados a voltar à sua vida privada, não devem ser postos na cadeia, não devem apanhar, não se deve fazer nada de mal para eles; só devem voltar às suas vidas privadas, voltar à insignificância de onde nunca deveriam ter saído. Isto é essencial para voltar ao País a normalidade mental.

Eu já expliquei, até outro dia pus uma mensagem dizendo que um desejo imoderado de subir socialmente, acima das suas capacidades intelectuais, morais, psicológicas etc., é uma doença mental. Não é normal que uma pessoa como Dilma Rousseff queira ser presidente da República — que ela pense em ser. Porque ela tem de saber que não tem capacidade para isto. Lula também. Eu, Olavo de Carvalho, não tenho capacidade para ser presidente da república, e

não penso em ser. Eu me apresento para fazer o que eu posso fazer. O desejo de subir muito acima das suas capacidades é uma doença mental. Nós infestamos de doentes mentais esta coisa, e esta palhaçada tem de acabar. Você bota lá um analfabeto presunçoso, criminoso etc. e você, em seguida, faz questão de simular que está tudo normal.

Como se lida com doente mental? É através da psiquiatria. Como se lida com criminoso? É através da polícia e do sistema judiciário. Como a capacidade de discernimento psiquiátrico acabou, e como o sistema político, policial e judiciário também não funcionam, sobrou o quê? Só a via eleitoral. Em vez de colocar os criminosos na cadeia, você tem de concorrer com eles na eleição – que é exatamente o que aconteceu agora. Essa eleição nunca deveria ter acontecido por que partidos vinculados e subordinados a organizações estrangeiras são partidos ilegais. Eles teriam de ser fechados vinte anos atrás. Na hora em que se criou o Foro de São Paulo é para fechar o partido no dia seguinte. Criando o Foro de São Paulo, você criou uma organização em que estão lá a FARC, o MIR chileno, aquele bando de narcotraficante e você está lá fazendo planos em comum com eles? Tem de fechar o partido na mesma hora. As coisas não precisavam ter chegado a este ponto.

Anos atrás falaram de “década perdida”, mas já são muitas décadas perdidas; é quase um século perdido. Tudo isso porque o Brasil criou este fetiche eleitoral de que democracia consiste em ter eleições. Democracia é muito mais do que eleição! Democracia precisa de um sistema judiciário que funcione; democracia tem de botar os criminosos na cadeia. Democracia tem de se basear em valores de racionalidade e de razoabilidade que correspondam ao senso comum da população. Se o senso comum é insistentemente violado por elementos de revolução cultural que querem nos impor valores contraditórios em si mesmos — que são valores do absurdo, isso é, os valores do Dr. Mabuse —, e você é obrigado a dizer *amém*, vale então aquela fala do Groucho Marx: “afinal, você vai acreditar em mim ou nos seus próprios olhos?” Acreditar nos seus próprios olhos virou uma coisa feia e você não pode sequer ter o discernimento estético. Você não pode mais ser capaz de reconhecer a expressão nos olhos das pessoas, que é um instinto que o ser humano tem. Quando você olha para a cara dessa Dilma, durante o debate, você vê que tudo isso é fingimento, é um teatro. As coisas não eram assim. Se você vê debates políticos de cinquenta anos atrás (e eu comecei a assistir debate político quando era muito pequeno), as pessoas eram aquilo que pareciam. Por exemplo, o Jânio Quadros era evidentemente louco e se elegeu na base de ser louco. Nunca ninguém disse que o Jânio era normal, nem ele. Quem o botou lá sabia que o cara era maluco e que era para esperar qualquer loucura da parte dele. Como, de fato, a loucura veio. Hoje em dia isso não ocorre, você põe um louco lá e tem de fingir que ele é o padrão de normalidade. Coloca-se lá uma mulher que não sabe falar, mulher que, quando fala o ponto, se atrapalha. Ela vira o “sanduíche-íche”. E você tem de fazer de conta que é a senhora “presidenta”. Forçar as pessoas a negar o que elas estão vendo, as enlouquece: cria-se a sintomatologia histérica e as pessoas se tornam cada vez mais incapazes de se defender contra os mais óbvios perigos. Por que o Brasil tem setenta mil homicídios por ano, Meu Deus do Céu? É por causa disto! As pessoas se acostumaram a viver dentro de uma casa cheia de grade. Em vez de botar os criminosos na grade, você põe a população! Conheci um sujeito que era um fazendeiro em Goiás que tinha uma plantação de arroz, mas daí ele ganhou um casal de porcos que começaram a se multiplicar de tal maneira que você andava no latifúndio dele o dia inteiro e só via porco. Ele tentou cercar os porcos e não conseguiu. O que ele fez? Cercou a casa. Ele se pôs num chiqueiro e os porcos ficaram livres. Isto é o Brasil de hoje: a população está fechada na grade e os criminosos estão na rua, no congresso, na Presidência da República. Isto é o normal no mundo do Dr. Mabuse! Gente, nós precisamos devolver a sanidade ao País. A sanidade é uma coisa que você não consegue expressar, você não consegue definir o que é, mas, na prática você reconhece.

Veja que nós botamos na Presidência da República um nego que diz que tinha saudade do tempo em que os meninos comiam cabrita no Nordeste — *comiam* não é por via oral, não. O cara diz uma coisa dessas, evidentemente é louco. Ele se gaba de ter tentado estuprar o outro na cadeia, e ele diz que não fez porque foi só gozação, mas isso é gozação que se faça? Isso é gozação que um presidente da república faça? É claro que o sujeito é obsceno, o Lula é obsceno em todas as suas atitudes públicas e o pessoal tem de fazer de conta que isto é respeitável. Você está forçando as pessoas a negar o que elas estão vendo e isto é de uma brutalidade psicológica que só uma comunidade de psicopatas é capaz de impor a uma nação inteira. Os caras impuseram e conseguiram. Por quê? Porque as lideranças: civis, intelectuais, eclesiásticas, militares etc., estavam firmemente dispostas a resolver tudo pela via democrática e, por via democrática, eles entendem somente eleição. Para eles, a eleição é o único remédio para todos os males, não existe polícia, não existe ordem pública, não existe educação, não existe nem o bom senso — a eleição é única esperança. Bom, para chegar ao ponto em que a eleição conseguisse mudar a ordem das coisas tivemos de esperar vinte anos e agora está acontecendo, mas não era para resolver isso por via eleitoral, era por via policial, por via psiquiátrica, pelo sistema carcerário. Isso tudo já tinha de estar resolvido há muito tempo.

Se um lado está disposto a fazer toda e qualquer coisa e outro diz “não, eu só aceito a concorrência eleitoral”, você vai ter de esperar muito tempo — como de fato nós esperamos. Creio que o que está acontecendo é uma virada eleitoral depois de você ter dado todos os instrumentos na mão do sujeito, sobrou só um que você pode usar que é o eleitoral. Você fez questão de não resolver o problema exceto por um único jeito, uma única maneira. Você fez questão de ter só isso na mão e Deus ainda te deu a chance de você conseguir resolver por esta via. Nós temos de merecer isto, e qual é o modo de merecer? É o seguinte: se o Aécio Neves for eleito, no dia seguinte nós temos de fazer com esses camaradas o que os russos fizeram com Napoleão Bonaparte. A hora que o nego caiu e saiu correndo, tem de sair mordendo a bunda deles, tem de expulsar todas essas pessoas da vida pública para sempre. Não é normal ter uma pessoa como Dilma Rousseff nem em um parlamento estadual, não é normal você ter incapazes e não é normal ser feio chamar o incapaz de incapaz. Veja, o que eles quiseram instituir foi o igualitarismo radical, que começa com a proposta econômica “vamos eliminar as diferenças econômicas injustas”, depois amplia-se mais um pouco; “vamos acabar com as diferenças econômicas injustas e com a justas também”; “não, não bastam as diferenças econômicas, temos de atacar também as diferenças sociais”. Não podem existir diferenças sociais, educacionais ou estéticas: o feio tem de ser igual ao bonito. Então, aquilo que começou como uma idéia mais ou menos razoável, quando entra na cabeça dos adeptos da expansão da democracia (como dona Marilena Chauí), vira isso, acaba virando a democracia do QI e da feiúra, o feio passa a ser bonito. É claro que isto viola a própria estrutura da cognição humana, isso destrói a inteligência das pessoas, destrói a sua percepção — e isto é um crime inominável. Os setenta mil homicídios por ano, o fracasso de nossos estudantes nos testes internacionais, a inflação que voltou, o crescimento zero, tudo isso que nós estamos vendo, começa no quê? Na destruição da consciência, porque o único instrumento que o ser humano tem para lutar pela vida e resolver seus problemas é sua consciência e sua inteligência. Primeiramente destruíram a consciência e inteligência. Depois vão destruir o resto, a economia, a saúde, a educação etc. — claro que vai destruir tudo. O crime que esses neguinhos cometeram é imensurável. Você pode perguntar: “Ah, o que nós vamos fazer, vamos fuzilar todos, botar todo mundo na cadeia?” Não, isso aí é besteira. Na verdade, não temos de botar ninguém na cadeia, temos apenas que tirá-los da vida pública. Tirá-los para sempre e sem possibilidade de retorno. O mais mínimo envolvimento que o sujeito tenha tido nesse esquema de Foro De São Paulo, de Mensalão, de Petrolão etc., o mais

mínimo esquema é suficiente pra tirá-lo da esfera pública. Lembro daquela musiquinha do Enzo Jannachi: “Vengo anch'io? No tu no/ Ma Perché? Perché no”. [Eu também vou? Não, você não./ Por quê? Porque não!] Não queremos vocês, não gostamos de vocês, vão para casa e não nos amolem mais. Esta é a mensagem.

Transcrição: Kênio Barros de Ávila Nascimento, Nielton Dayve S. Santos, Pedro Brandão
Revisão: Henrique Bernardes Rodrigues